Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE

doi.org/10.51891/rease.v12i11.32341

LUTO E FINITUDE NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: REVISÃO INTEGRATIVA ACERCA DAS REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DA PERDA E O SENTIDO DA EXISTÊNCIA

Kamila Aparecida Galone Fonseca[1]
Matheus Garcia Coelho[2]
Renato Marcelo Resgala Jr[3]

RESUMO: O luto envolve alterações nas relações, na identidade e na participação cotidiana após a morte de uma pessoa próxima. A perspectiva fenomenológico-existencial permite examinar essas mudanças considerando a singularidade da experiência e os sentidos atribuídos à perda. Este estudo teve como objetivo analisar a experiência do luto e suas relações com a finitude e o sentido da existência nessa perspectiva. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura nas fontes Scientific Electronic Library Online (SciELO) e PubMed, considerando publicações entre 2021 e 2026. A análise reuniu 12 artigos e foi organizada em cinco categorias referentes à perda, à finitude, aos fundamentos fenomenológico-existenciais, à reconstrução existencial e ao acolhimento psicológico. Os resultados indicaram permanência dos vínculos com os falecidos, alterações na experiência temporal e mudanças na identidade, com diferenças relacionadas às circunstâncias da morte e ao contexto social. Concluiu-se que a continuidade da vida pode coexistir com saudade e sofrimento, sem corresponder a uma sequência uniforme de respostas. O acolhimento psicológico deve considerar essas particularidades, evitando interpretações antecipadas sobre como o enlutado deveria viver.

Palavras-chave: Luto. Finitude. Fenomenologia. Psicologia existencial. Sentido da existência.

ABSTRACT: Grief involves changes in relationships, identity, and everyday participation following the death of a significant person. The phenomenological-existential perspective allows these changes to be examined with attention to the uniqueness of lived experience and the meanings attributed to loss. This study aimed to analyze grief and its relationships with finitude and the meaning of existence from this perspective. An integrative literature review was conducted using the Scientific Electronic Library Online (SciELO) and PubMed, considering publications from 2021 to 2026. The analysis included 12 articles and was organized into five categories addressing loss, finitude, phenomenological-existential foundations, existential reconstruction, and psychological support. Findings indicated continuing bonds with the deceased, changes in temporal experience, and identity transformations, with differences related to the circumstances of death and the social context. The study concluded that continuing to live can coexist with longing and suffering, without following a uniform sequence of responses. Psychological support should consider these particularities and avoid predetermined interpretations of how bereaved individuals should live.

Keywords: Grief. Finitude. Phenomenology. Existential psychology. Meaning of existence.

[1] Graduanda em Psicologia na Instituição de Ensino Afya Centro Universitário Itaperuna, RJ.
[2] Orientador. Docente de Psicologia da Afya Itaperuna.
[3] Coorientador. Doutor em Sociologia Política. Professor Titular da Afya Centro Universitário Itaperuna-RJ.

1 INTRODUÇÃO

O luto envolve mudanças na relação com a pessoa falecida e nas formas de participar da vida familiar e social. A ausência física não implica necessariamente o encerramento do vínculo, que pode permanecer nas lembranças, nas práticas culturais e nos significados atribuídos à convivência anterior. A perspectiva dos vínculos contínuos permite examinar essas manifestações em sua dimensão intersubjetiva, considerando as relações entre a experiência individual e o contexto em que o falecimento é vivido (Klass, 2026).

As circunstâncias da morte também participam dessa experiência. Durante a pandemia de Covid-19, familiares relataram dificuldades relacionadas às condições do falecimento, ao tratamento recebido pela pessoa adoecida e à impossibilidade de acompanhar determinados acontecimentos. O sofrimento esteve associado tanto à ausência quanto às situações que antecederam a despedida, indicando que o enlutamento precisa ser situado nas condições concretas em que ocorreu (Ostadhashemi *et al.*, 2024).

A relação com a morte pode provocar mudanças mesmo antes do falecimento. Entre cuidadores de cônjuges em cuidados paliativos domiciliares, o luto antecipatório envolveu demandas emocionais, cognitivas e espirituais, acompanhadas de alterações nas responsabilidades e nas expectativas sobre a continuidade da vida compartilhada (Bilić; Skokandić; Puljak, 2022).

Após a morte, as possibilidades de expressar o sofrimento também dependem do reconhecimento social da relação com quem faleceu. Profissionais de escolas de educação especial relataram diferenças entre o apoio recebido no ambiente de trabalho e o reconhecimento de seu enlutamento fora dele. A legitimidade atribuída à dor variou conforme o contexto, mostrando que vínculos constituídos no exercício profissional também podem envolver experiências de perda que não encontram o mesmo reconhecimento em todos os espaços (Partridge; Abbott; Furness, 2025).

Diante dessa diversidade, a Psicologia fenomenológico-existencial direciona a atenção à experiência singular e aos modos pelos quais a morte modifica a relação da pessoa consigo, com os outros e com o mundo. No acompanhamento de pais enlutados, essa orientação questiona a adoção de respostas previamente determinadas para o sofrimento. A escuta procura acompanhar o que é vivido, considerando a dor e a saudade sem pressupor que uma conduta uniforme possa responder às diferentes situações (Feijoo, 2021).

Para Heidegger (2015), a existência humana não pode ser compreendida de forma isolada, pois o ser humano está sempre em relação com o mundo e com as pessoas ao seu redor. Essa compreensão está relacionada ao conceito de *Dasein*, ou 'ser-aí', que representa o modo como o ser humano existe e se relaciona com suas possibilidades. O filósofo também apresenta a ideia de 'ser-para-a-morte', entendendo a morte como uma possibilidade que faz parte da existência de todos os seres humanos. Dessa forma, pensar sobre a finitude permite compreender que a morte não envolve apenas o fim da vida biológica, mas também provoca reflexões sobre a própria existência e sobre as possibilidades que fazem parte dela.

Essa atenção à singularidade também se relaciona às alterações nas atividades cotidianas e nos projetos pessoais. A articulação entre ocupação, análise existencial e sentidos de vida permite discutir como as perdas interferem na participação social e nas formas de realizar tarefas antes habituais. Entretanto, a diversidade de referenciais exige distinguir os conceitos utilizados e suas implicações para a interpretação do enlutamento, originando a seguinte questão de pesquisa: como a perspectiva fenomenológico-existencial aborda a experiência do luto e suas relações com a finitude e o sentido da existência? (Nascimento; Souza; Corrêa, 2022).

A relevância do tema está relacionada às repercussões da morte nas relações e nas formas de participação social, assim como às diferenças no reconhecimento do sofrimento de quem permanece. Nem todas as pessoas encontram condições semelhantes para expressar a saudade ou compartilhar sua experiência, especialmente quando o vínculo com o falecido não corresponde às relações familiares socialmente mais reconhecidas. As expectativas sobre o tempo e as manifestações do enlutamento também podem dificultar a expressão da dor. Investigar essas questões permite abordar o luto em suas dimensões individuais e sociais, considerando tanto as circunstâncias do falecimento quanto as possibilidades de apoio disponíveis (Partridge; Abbott; Furness, 2025).

A relevância desta pesquisa consiste em reunir e verificar, em produções sobre o tema, distinguindo seus referenciais, procedimentos e resultados. Para a sociedade, a discussão pode favorecer o reconhecimento de diferentes experiências de enlutamento e das dificuldades enfrentadas por quem procura compartilhar seu sofrimento. Para a comunidade acadêmica, permite examinar aproximações, divergências e limites das investigações, identificando aspectos que demandam novas pesquisas. Para os profissionais de Psicologia, este estudo pode subsidiar a reflexão sobre formas de acolhimento que considerem a singularidade de cada

pessoa, suas relações e as circunstâncias da morte, sem estabelecer antecipadamente uma resposta esperada para a perda.

A pesquisa tem como objetivo geral apresentar a experiência do luto e suas relações com a finitude e o sentido da existência na perspectiva fenomenológico-existencial. Especificamente, pretende caracterizar as vivências da perda e os fundamentos que orientam sua análise; examinar as relações entre enlutamento, temporalidade e reconstrução existencial; e discutir as implicações clínicas para o acolhimento psicológico.

2 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, do tipo revisão integrativa da literatura, sobre luto e finitude na perspectiva fenomenológico-existencial. Quanto à natureza, classifica-se como pesquisa básica; em relação aos objetivos, apresenta caráter descritivo e adota abordagem qualitativa.

A busca foi realizada em outubro de 2026 na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e na PubMed. Essas fontes foram escolhidas por reunirem publicações nacionais e internacionais das áreas de Psicologia e saúde. As estratégias foram adaptadas às plataformas, utilizando termos relacionados ao luto e à fenomenologia, associados pelos operadores booleanos AND, OR e NOT, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Estratégias utilizadas para a busca dos estudos

Fonte	Estratégia de busca
SciELO	(luto OR grief OR bereavement OR mourning OR duelo) AND (fenomenologia OR fenomenológico OR fenomenológica OR phenomenology OR phenomenological OR existencial OR existential)
PubMed	(grief[Title] OR bereavement[Title] OR mourning[Title]) AND (phenomenolog*[Title/Abstract] OR existential[Title/Abstract]) AND (meaning[Title/Abstract] OR identity[Title/Abstract] OR finitude[Title/Abstract] OR mortality[Title/Abstract]) AND ("2021/01/01"[Date - Publication] : "2026/10/31"[Date - Publication]) NOT (review[Publication Type] OR systematic review[Publication Type] OR meta-analysis[Publication Type])

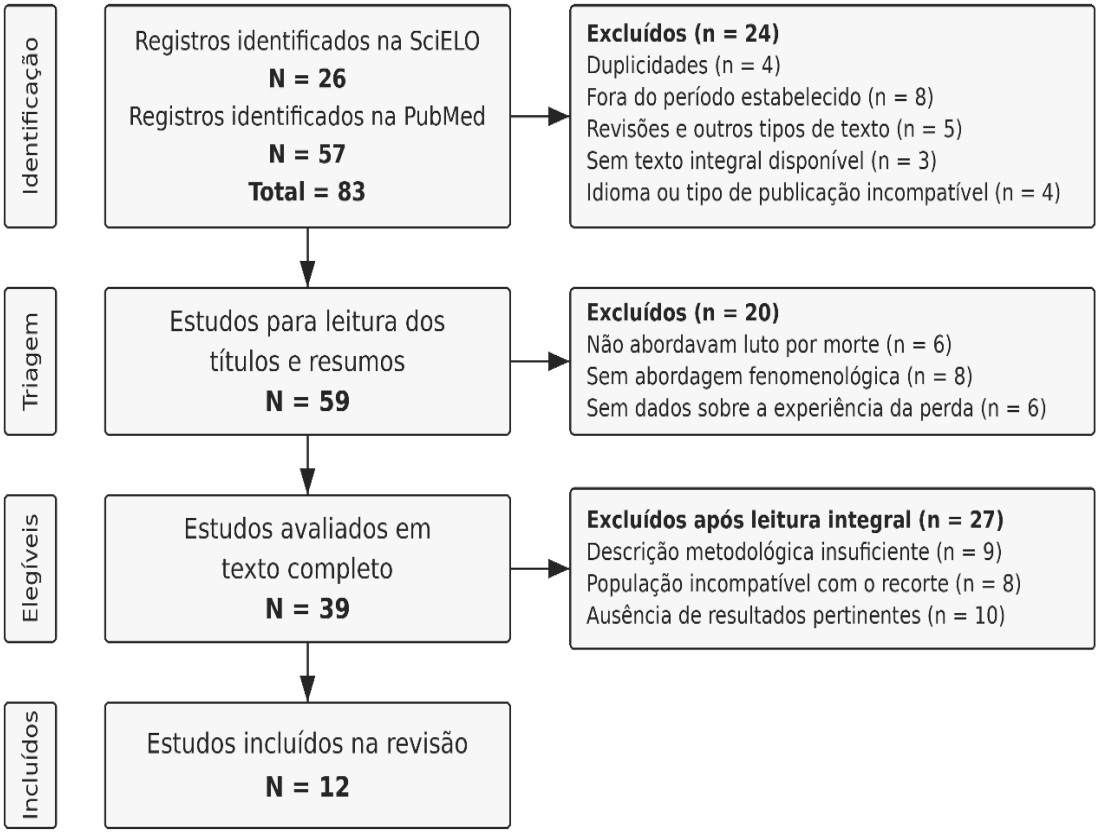
Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Foram considerados elegíveis artigos científicos completos publicados entre 2021 e outubro de 2026, redigidos em português, inglês ou espanhol e disponíveis integralmente em meio eletrônico. Para integrar a revisão integrativa, os estudos deveriam apresentar dados empíricos sobre adultos enlutados pela morte de outra pessoa, adotar método fenomenológico ou referencial fenomenológico-existencial e abordar relações entre a experiência da perda, a finitude e o sentido da existência.

Foram excluídas revisões narrativas, integrativas ou sistemáticas, metanálises, editoriais, cartas ao editor, resumos de eventos, protocolos sem resultados e estudos exclusivamente teóricos. Também foram estabelecidos como critérios de exclusão as duplicidades, a indisponibilidade do texto integral e a incompatibilidade de período, população ou idioma. Pesquisas sobre perdas animais, migratórias, funcionais ou de saúde, assim como investigações exclusivamente sobre luto antecipatório, foram desconsideradas quando não apresentavam resultados relativos ao enlutamento após morte humana separadamente.

A seleção foi organizada em etapas sucessivas. Inicialmente, os registros recuperados nas duas fontes foram examinados quanto ao período, ao idioma e ao tipo de publicação, seguindo-se a leitura dos títulos e resumos. Os trabalhos potencialmente compatíveis foram encaminhados para verificação de duplicidades, disponibilidade e avaliação integral. A organização dessas etapas está representada na Figura 1; as contagens ilustrativas de exclusão deverão ser substituídas pelos registros efetivamente apurados antes da apresentação final do trabalho.

Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção dos estudos



Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Na avaliação integral, foram examinados o delineamento, o contexto da pesquisa, as características dos participantes, as circunstâncias da perda, o referencial adotado, os procedimentos de produção e análise dos dados e os resultados apresentados. Os artigos previamente selecionados constituem o conjunto encaminhado para essa etapa.

As informações dos artigos incluídos foram registradas em um instrumento de extração composto pelos campos autor e ano de publicação, objetivo, metodologia e principais resultados. Também foram anotados o número e as características dos participantes, o contexto, o tipo de perda, os procedimentos de investigação e as limitações metodológicas. Posteriormente, os estudos foram organizados em ordem cronológica, dos mais antigos aos mais recentes.

A análise foi realizada mediante leitura comparativa e interpretação qualitativa dos resultados. Os achados foram organizados conforme os temas abordados, incluindo temporalidade, continuidade dos vínculos, identidade, finitude e sentido da existência. Foram examinadas convergências, divergências e limitações, preservando as diferenças entre os referenciais fenomenológicos e mantendo a distinção entre os resultados relatados nos artigos e as considerações elaboradas nesta revisão.

3 RESULTADOS

A caracterização dos artigos selecionados foi apresentada no Quadro 2, reunindo autoria, ano de publicação, objetivo, procedimentos metodológicos e resultados identificados em cada pesquisa. Os trabalhos foram organizados em ordem cronológica, conforme o ano adotado nas referências.

Quadro 2 – Caracterização dos artigos utilizados na revisão

Autor (ano)	Objetivo	Métodos e participantes	Principais resultados
Michel e Freitas (2021)	Investigar como mães enlutadas vivenciaram seus processos psicoterápicos após a morte dos filhos.	Pesquisa qualitativa com quatro mães que realizaram psicoterapia durante o enlutamento. Foram conduzidas entrevistas abertas, analisadas pelos procedimentos do método fenomenológico de Giorgi.	Os resultados foram organizados em três eixos: relação terapeuta-paciente, possibilidades expressivas e ressignificação. A escuta e o acolhimento favoreceram a expressão do sofrimento e a percepção de outras possibilidades de viver; também houve relato de interrupção do atendimento diante de uma orientação percebida como inadequada.
Guité-Verret et al. (2021)	Examinar a experiência de cuidado e luto de familiares durante a pandemia de Covid-19.	Estudo qualitativo orientado pela análise fenomenológica interpretativa, com entrevistas em profundidade com 20	Os relatos expressaram afastamento das relações, impedimentos ao cuidado e à despedida e repercussões

Autor (ano)	Objetivo	Métodos e participantes	Principais resultados
		familiares enlutados, sendo 17 mulheres e três homens, de 21 a 78 anos.	persistentes da morte. Essas experiências foram relacionadas à busca por conexão social, continuidade narrativa e reconhecimento da perda.
Bezerra et al. (2022)	Investigar a temporalidade da experiência materna após a morte de um filho por acidente doméstico na infância.	Pesquisa fundamentada na fenomenologia de Martin Heidegger, com entrevistas fenomenológicas com dez mães. Os dados foram produzidos entre maio e junho de 2017.	Os relatos relacionaram o sofrimento inicial às lembranças e à ausência cotidiana, acompanhadas da expectativa de que a dor permaneceria no futuro. O tempo transcorrido desde a morte não apresentou correspondência direta com a intensidade do sofrimento relatado.
Feijoo e Noleto (2022)	Investigar os sentidos da experiência do luto materno a partir dos relatos de mães que perderam seus filhos.	Investigação fenomenológica com relatos de seis mães enlutadas. A análise envolveu redução fenomenológica, identificação de unidades de significado e descrição da estrutura da experiência.	Foram identificadas unidades relacionadas à saudade, à permanência do vínculo, ao receio do esquecimento, à busca por ajuda e à continuidade da vida. As autoras interpretaram o luto materno como uma experiência que não pode ser reduzida a uma duração previamente estabelecida ou a manifestações somáticas e psíquicas isoladas.
Hughes (2022)	Analisar as diferentes formas pelas quais o luto modifica a experiência do tempo e a relação com o mundo.	Análise fenomenológica de respostas abertas provenientes de um questionário on-line sobre luto, respondido por 265 adultos. O artigo examinou os relatos referentes às alterações temporais.	Foram descritos diferentes graus de afastamento entre o tempo vivido pelo enlutado e o tempo compartilhado socialmente. Os relatos incluíram lentificação, aceleração, instabilidade e sensação de paralisação temporal, acompanhadas de mudanças na relação com o passado e com as possibilidades futuras.
Abdekhodaie (2023)	Investigar a experiência de familiares iranianos enlutados por mortes decorrentes da Covid-19.	Estudo fenomenológico descritivo com 30 familiares, incluindo cônjuges, filhos, pais e irmãos de pessoas falecidas. Foram realizadas entrevistas em profundidade, analisadas pelo método de Colaizzi.	A análise identificou oito temas e evidenciou repercussões existenciais da perda no contexto pandêmico. Parte dos participantes relatou a atribuição de novos sentidos à morte e à vida, associada pelos autores a possibilidades de crescimento após a experiência traumática.
Bhat e Gul (2024)	Explorar a experiência de pais que perderam filhos em decorrência do conflito armado na Caxemira.	Pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica interpretativa com 15 participantes enlutados pela morte de filhos em contexto de conflito armado.	Emergiram dois temas: luto traumático e formas de enfrentamento relacionadas à atribuição de sentido. Foram relatados vazio existencial, percepção da presença do falecido e sentimento de injustiça por permanecer vivo; apoio social e práticas religiosas apareceram como recursos para lidar com a perda.
Bjornsdottir, Sigurdardottir e	Investigar a experiência de pais e mães após o suicídio	Estudo fenomenológico com dez participantes, sendo sete	Os relatos evidenciaram sofrimento existencial intenso,

Autor (ano)	Objetivo	Métodos e participantes	Principais resultados
Halldorsdottir (2024)	de um filho e sua relação com os serviços de apoio disponíveis.	mães e três pais, de 40 a 65 anos. Foram realizadas 13 entrevistas, com um ou dois encontros por participante.	sensação de irrealidade e questionamentos sem resposta sobre a morte. Os participantes descreveram necessidade de apoio profissional prolongado e dificuldades para obter acompanhamento compatível com suas demandas.
Eilenberger e de Boer (2025)	Examinar como pessoas idosas atribuem sentido à morte, ao enlutamento e à própria finitude.	Pesquisa qualitativa com entrevistas com 16 pessoas de 65 a 93 anos. Os relatos foram interpretados em diálogo com a filosofia fenomenológico-existencial de Simone de Beauvoir.	Foram identificadas práticas relativas à organização temporal da morte, à relação com os outros e à experiência da ausência. A análise articulou as perdas vividas à percepção da própria mortalidade, destacando a dimensão intersubjetiva das despedidas.
Ter Haar e Smid (2025)	Examinar a aplicabilidade clínica das descrições fenomenológicas do luto.	Estudo autoetnográfico centrado na experiência do primeiro autor após a morte do marido. O relato foi analisado em articulação com descrições fenomenológicas do enlutamento.	A experiência foi marcada pelo desencontro entre o cotidiano e a permanência do falecido na ausência. O processo envolveu reorganização da identidade e mudanças na relação com o companheiro morto, oferecendo elementos para abordar manifestações existenciais do sofrimento na clínica.
Barros-Lane et al. (2025)	Investigar os sentidos atribuídos à sexualidade e ao desejo sexual no luto de mulheres jovens pela morte do companheiro.	Estudo de orientação fenomenológico-existencial com 21 viúvas de até 45 anos. Os dados foram examinados por análise temática, em diálogo com a teoria da reconstrução de significado.	O desejo sexual apareceu relacionado à experiência corporal do luto e às mudanças de identidade. Os relatos indicaram percursos não lineares, envolvendo aproximação, evitação e experimentação, que podiam anteceder a atribuição de sentido à perda.
Boever et al. (2025)	Investigar os sentidos atribuídos à morte de um familiar e ao luto em um contexto de restrições sociais e funerárias.	Pesquisa qualitativa com entrevistas com 12 pessoas enlutadas. Foi utilizada análise fenomenológica interpretativa, articulada ao referencial de construção de significado.	As restrições produziram experiências distintas: alguns participantes relataram culpa, impotência e perda de sentido, enquanto outros encontraram possibilidades de despedida e conforto. Os significados pessoais, sociais, morais e existenciais atribuídos à perda se modificaram ao longo do tempo.

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

4 DISCUSSÃO

A discussão foi organizada em cinco categorias: o luto e a experiência da perda; a finitude humana e a busca de sentido; os fundamentos da Psicologia fenomenológico-existencial; o luto como processo de reconstrução existencial; e o papel do psicólogo e as implicações clínicas no

acolhimento do luto. Essa divisão orienta a análise dos estudos, articulando as vivências dos enlutados, os referenciais teóricos e as possibilidades de cuidado psicológico.

4.1 O luto e a experiência da perda

A experiência do luto envolve alterações nas relações e nas atividades cotidianas após a morte de uma pessoa próxima. Entre mães enlutadas, a ausência dos filhos esteve associada à saudade e à dificuldade de realizar tarefas anteriormente compartilhadas. Mesmo com o reconhecimento do falecimento, situações comuns da convivência familiar continuavam provocando dor, indicando que saber da morte não elimina as expectativas constituídas durante a relação (Bezerra *et al*., 2022).

A permanência dessas referências também apareceu nas homenagens, nas comemorações e no receio de esquecer o filho. Entre as seis mães investigadas, as lembranças estavam relacionadas à continuidade do vínculo, embora não substituíssem a presença física de quem morreu (Feijoo; Noleto, 2022).

A relação entre reconhecimento da morte e continuidade do vínculo assumiu outras manifestações entre pais que perderam filhos em conflitos armados. Bhat e Gul (2024) identificaram relatos de ouvir, ver ou sentir a presença dos falecidos, acompanhados de vazio e sentimento de injustiça por permanecer vivo. Em relação a Feijoo e Noleto (2022), há uma aproximação quanto à permanência da relação com os filhos, mas diferenças nas experiências descritas. Homenagens e lembranças não devem ser equiparadas à percepção da presença do falecido, ainda que ambas possam ocorrer depois do reconhecimento da morte.

As circunstâncias do falecimento também participaram da maneira como a ausência foi vivida. Pais e mães enlutados por suicídio relataram choque, sensação de irrealidade e perguntas sobre o ocorrido. A impossibilidade de obter esclarecimentos do próprio filho acrescentava dúvidas ao sofrimento e mantinha questões sobre acontecimentos anteriores à morte (Bjornsdottir; Sigurdardottir; Halldorsdottir, 2024).

Questionamentos sobre o que aconteceu também apareceram entre familiares enlutados durante a pandemia. Nesse contexto, a impossibilidade de acompanhar o adoecimento e obter informações sobre os últimos momentos dificultou a elaboração de uma narrativa contínua dos acontecimentos (Guité-Verret *et al*., 2021).

Essas dificuldades não produziram, entretanto, experiências uniformes de despedida. Boever et al. (2025) registraram culpa e impotência entre alguns participantes, enquanto outros

reconheceram conforto nos contatos que conseguiram manter sob as restrições sanitárias. Diferentemente da ênfase nos afastamentos descritos por Guité-Verret *et al.* (2021), essas narrativas também incluíram encontros considerados significativos. A diferença está nos aspectos destacados pelos participantes e não permite concluir que as restrições tenham provocado uma resposta emocional única.

Após a despedida, as repercussões da ausência permaneceram associadas a situações concretas do cotidiano. Entre mães cujos filhos morreram em acidentes domésticos, datas comemorativas, objetos e atividades relacionadas à infância faziam reaparecer a dor, mesmo quando as tarefas diárias já haviam sido retomadas. A realização dessas tarefas não correspondia ao desaparecimento da saudade. Por isso, observar somente o retorno à rotina não permite avaliar a experiência do enlutamento em seus diferentes aspectos (Bezerra *et al.*, 2022).

A expressão desse sofrimento também variava conforme as relações em que as mães estavam inseridas. Nas narrativas sobre psicoterapia, algumas participantes relataram encontrar espaço para falar de sentimentos e acontecimentos que não conseguiam compartilhar da mesma maneira com familiares ou outras pessoas próximas (Michel; Freitas, 2021).

A dificuldade de compartilhar a experiência também foi identificada por Guité-Verret *et al.* (2021), embora em condições diferentes. Durante a pandemia, o distanciamento limitou os encontros e as formas habituais de apoio, enquanto Michel e Freitas (2021) examinaram relatos sobre a possibilidade de expressão na relação psicoterápica. Há uma aproximação quanto à necessidade de falar sobre o vivido, mas os impedimentos não são equivalentes: podem decorrer tanto das restrições ao contato quanto da maneira como os outros recebem a narrativa do enlutado.

Mesmo quando havia possibilidades de contato, os sentidos atribuídos à despedida não permaneceram necessariamente iguais ao longo do tempo. Alguns participantes retomaram o ocorrido a partir de sentimentos de culpa e frustração, enquanto outros reconheceram momentos de proximidade que inicialmente não correspondiam ao que esperavam vivenciar. Essas mudanças na narrativa coexistiam com o sofrimento pela morte e com a diferença entre a despedida desejada e aquela que foi possível realizar (Boever *et al.*, 2025).

4.2 A finitude humana e a busca de sentido

A morte de uma pessoa próxima pode modificar a maneira como o enlutado considera a duração da própria vida e suas possibilidades futuras. Entre pessoas idosas, as perdas de

familiares e amigos estiveram associadas à percepção da própria mortalidade e às mudanças decorrentes do envelhecimento. A finitude apareceu vinculada às despedidas e à avaliação do tempo vivido, sem se restringir ao receio do próprio falecimento (Eilenberger; De Boer, 2025).

Essa avaliação da existência assumiu outros conteúdos nas entrevistas realizadas por Bjornsdottir, Sigurdardottir e Halldorsdottir (2024) com pais e mães enlutados por suicídio. Os participantes relataram sofrimento diante de perguntas que os filhos já não poderiam esclarecer. Diferentemente da reflexão sobre a própria mortalidade descrita por Eilenberger e De Boer (2025), sobressaiu a necessidade de explicar um falecimento específico. A diferença precisa ser relacionada às circunstâncias investigadas, sem atribuir maior aceitação da morte a uma faixa etária ou a determinado tipo de perda.

A necessidade de explicar o ocorrido pode coexistir com dificuldades para considerar o que ainda será vivido. Nos relatos de adultos enlutados, alterações na experiência do tempo estiveram associadas à dificuldade de identificar possibilidades futuras e ao afastamento do cotidiano compartilhado com outras pessoas (Hughes, 2022).

Diante dessas dificuldades, a atribuição de novos significados não ocorreu de maneira uniforme. Entre familiares iranianos enlutados pela Covid-19, foram identificadas experiências relacionadas a outros sentidos para a vida, associadas pela autora a possibilidades de crescimento após o acontecimento traumático. Essa interpretação descreve parte das experiências relatadas, mas não permite afirmar que o contato com a morte produza necessariamente mudanças percebidas como positivas por todos os enlutados (Abdekhodaie, 2023).

Respostas mais variadas foram registradas por Boever *et al.* (2025), que investigaram perdas ocorridas sob restrições sociais e funerárias. Alguns participantes relataram culpa, impotência e perda de sentido, enquanto outros reconheceram conforto nos contatos e nas despedidas possíveis. Em relação a Abdekhodaie (2023), a diferença está na ênfase atribuída à diversidade das interpretações, sem estabelecer que elas constituam percursos opostos. Os contextos e as perguntas de cada investigação precisam ser considerados antes de comparar seus resultados.

A filosofia de Heidegger ajuda a ampliar essa discussão sobre a finitude. Ao abordar a relação do ser humano com a própria morte, o filósofo afirma que “a morte é, em última instância, a possibilidade da impossibilidade pura e simples da presença” (Heidegger, 2015, p. 326). Essa reflexão permite compreender que a morte representa uma possibilidade própria e inevitável da existência humana. No contexto do luto, essa compreensão ajuda a refletir sobre

a experiência de quem permanece após a perda e sobre as mudanças que a ausência de alguém significativo provoca em sua relação com a vida. A ausência de uma pessoa próxima pode modificar planos, hábitos e a maneira como o indivíduo passa a olhar para o próprio futuro. Nesse sentido, o luto também envolve mudanças na relação com o mundo e com as possibilidades que antes eram construídas na convivência. Essas transformações, entretanto, não acontecem da mesma maneira para todos, pois cada pessoa vivencia a perda a partir de sua própria história e das relações que estabeleceu.

Entre os recursos mencionados para lidar com os questionamentos provocados pelo falecimento, apareceram o apoio social e as práticas religiosas. Sua presença, contudo, coexistiu com vazio e sentimento de injustiça por permanecer vivo após a morte dos filhos, indicando que atribuir sentido ao ocorrido não eliminava o sofrimento ou todas as dúvidas dos pais entrevistados (Bhat; Gul, 2024).

Essa coexistência permite retomar a relação entre a busca de sentido e a maneira de considerar o tempo disponível para viver. Eilenberger e De Boer (2025) examinaram práticas cotidianas nas quais a morte dos outros se relacionava à percepção da própria finitude, enquanto Hughes (2022) descreveu alterações na articulação entre passado, presente e futuro. Há uma aproximação quanto às mudanças na relação com a existência, mas os enfoques são distintos: as práticas de despedida na velhice e as formas de alteração temporal no enlutamento. Nenhuma dessas descrições estabelece que reconhecer a mortalidade resulte, por si, em uma orientação definida para a vida.

A ausência dessa orientação foi observada entre pais e mães que continuavam questionando o suicídio dos filhos durante anos. A busca por explicações permanecia associada ao sofrimento, pois a pessoa que poderia esclarecer parte das dúvidas já não estava presente. Nesse contexto, procurar sentido não equivale a encontrar uma justificativa para a morte, e a continuidade dos questionamentos não permite concluir, isoladamente, que o enlutado deixou de reconhecer o falecimento (Bjornsdottir; Sigurdardottir; Halldorsdottir, 2024).

4.3 Os fundamentos da psicologia fenomenológico-existencial

A investigação fenomenológica do luto parte da experiência vivida e dos sentidos atribuídos à perda por quem a vivencia. Na análise das narrativas de mães enlutadas, a suspensão de interpretações previamente estabelecidas permitiu examinar manifestações que não se ajustavam a uma duração uniforme ou a uma sequência determinada de respostas. Essa

orientação direciona a atenção às relações, às atividades e às expectativas descritas pelas participantes, sem definir antecipadamente o que seus relatos devem expressar (Feijoo; Noleto, 2022).

A análise dessas descrições, entretanto, não segue um único procedimento. Michel e Freitas (2021) utilizaram o método de Giorgi para identificar elementos constituintes da experiência psicoterápica, enquanto Bezerra et al. (2022) recorreram à fenomenologia de Heidegger para examinar a temporalidade após a morte dos filhos. Embora ambos investiguem vivências maternas, diferem no objeto e no referencial adotado. O interesse comum pela experiência não torna equivalentes os conceitos utilizados para interpretá-la.

A partir dessa compreensão, é possível relacionar a temporalidade apresentada por Heidegger à experiência do luto. Para o filósofo, a existência humana envolve uma relação entre o que já foi vivido e as possibilidades que se apresentam ao longo da vida (Heidegger, 2015). Quando ocorre a morte de alguém próximo, essa relação com o tempo pode sofrer mudanças, já que planos, expectativas e experiências que antes faziam parte da vida passam a ser vividos de outra maneira. Ao discutir a finitude humana, também é importante considerar a compreensão de Heidegger sobre o ser-para-a-morte. Para o filósofo, "a morte é a possibilidade mais-própria do Dasein" (Heidegger, 2012, p. 723). Essa compreensão evidencia que a morte faz parte da própria condição de existência humana, colocando o indivíduo diante de seus limites e de suas possibilidades. Essa reflexão também pode ser relacionada à angústia e à autenticidade na perspectiva heideggeriana. A angústia coloca o ser humano diante de sua própria existência e das possibilidades que fazem parte dela, favorecendo questionamentos sobre a maneira como conduz sua vida. Nesse sentido, a experiência do luto pode mobilizar reflexões sobre a finitude, os vínculos afetivos e os sentidos construídos ao longo da existência. Entretanto, isso não significa que toda experiência de perda conduza necessariamente a uma existência autêntica, mas que o luto pode colocar o indivíduo diante de questões profundas sobre sua própria condição de existir.

A diversidade de referenciais também aparece na análise das narrativas de pessoas idosas, interpretadas em diálogo com Simone de Beauvoir. Nesse caso, as despedidas foram relacionadas à liberdade situada e à coexistência, considerando como as pessoas lidavam com a morte dos outros e com a própria finitude em suas condições de vida (Eilenberger; De Boer, 2025).

Essas escolhas conceituais também interferem na maneira de situar a participação do pesquisador. Na análise fenomenológica interpretativa, os sentidos apresentados pelos participantes são examinados por quem investiga, cuja posição e cujos pressupostos precisam ser explicitados. O relato não é tratado como um conteúdo independente das condições em que foi produzido, pois as perguntas, a relação estabelecida na entrevista e o processo analítico participam da interpretação (Guité-Verret *et al*., 2021).

Quando o próprio pesquisador relata a perda, essa participação assume outra configuração, como na autoetnografia de Ter Haar e Smid (2025), centrada no enlutamento do primeiro autor pela morte do marido. Diferentemente das entrevistas analisadas por Guité-Verret *et al*. (2021), o material autobiográfico aproxima as posições de quem vivencia e de quem interpreta. A diferença exige considerar como memória, descrição e análise se relacionam em cada procedimento, sem equiparar uma experiência pessoal investigada a relatos produzidos com diferentes participantes.

A relação entre descrição e interpretação também pode ser examinada quando um conceito orienta a leitura do material empírico. Na análise de respostas abertas sobre alterações temporais, a noção de dessincronização permitiu investigar diferenças entre o tempo vivido e o tempo social, enquanto a diversidade dos relatos contribuiu para detalhar essa formulação (Hughes, 2022).

A utilização de conceitos para interpretar o vivido pode envolver, ainda, referenciais associados à construção de significado. Barros-Lane *et al*. (2025) articularam um delineamento fenomenológico-existencial à teoria da reconstrução de significado, enquanto Boever *et al*. (2025) relacionaram a análise fenomenológica interpretativa aos sentidos atribuídos às perdas durante a pandemia. Há uma aproximação quanto ao interesse pelos significados da experiência, mas os objetos e as articulações teóricas são distintos. A identificação dessas diferenças permite examinar quais conceitos orientaram as perguntas e quais categorias foram elaboradas a partir das narrativas.

4.4 O luto como processo de reconstrução existencial

A reconstrução existencial no luto envolve mudanças na maneira de reconhecer a si mesmo e de participar da vida cotidiana após a morte de alguém próximo. Na experiência autoetnográfica de um homem enlutado pela morte do marido, a reorganização da identidade esteve relacionada à representação do companheiro e à identificação com ele. A continuidade da

existência não correspondeu ao abandono da relação anterior, mas a modificações no modo de vivê-la diante da ausência física (Ter Haar; Smid, 2025).

Outras formas de mudança foram identificadas por Barros-Lane *et al.* (2025), que investigaram a sexualidade de viúvas jovens. As participantes relataram experiências corporais e sexuais que provocavam questionamentos sobre identidade e vínculo conjugal, por vezes antes de conseguirem atribuir-lhes um significado. Em relação a Ter Haar e Smid (2025), há uma aproximação quanto às alterações na identidade após a morte do companheiro, mas com enfoques distintos: a identificação com o falecido e as experiências corporais posteriores ao falecimento.

Essas alterações não implicam o desaparecimento do sofrimento. Mães que perderam filhos em acidentes domésticos retomaram atividades cotidianas, embora continuassem relatando dor e saudade, o que impede associar a reorganização da rotina ao encerramento do enlutamento (Bezerra *et al.*, 2022).

A permanência da dor também exige atenção ao significado atribuído à reconstrução. Michel e Freitas (2021) identificaram a ressignificação entre os eixos derivados das entrevistas sobre psicoterapia, enquanto Feijoo e Noleto (2022) descreveram a continuidade da vida juntamente com uma ausência que não se preenche. As formulações diferem no enfoque e no objeto investigado, mas não permitem afirmar que mudanças na existência dependam da eliminação da saudade. A possibilidade de viver outras experiências pode coexistir com a manutenção das referências da relação anterior.

Essa coexistência também envolve mudanças na relação com o tempo. Nos relatos de adultos enlutados, passado, presente e futuro podiam tornar-se difíceis de articular, acompanhados de afastamento das atividades e das outras pessoas. A reconstrução, nessa perspectiva, não se limita ao retorno a comportamentos anteriores, pois envolve alterações na maneira de situar o ocorrido e de considerar aquilo que ainda pode ser vivido (Hughes, 2022).

Considerar outras possibilidades de vida, contudo, não significa atribuir ao falecimento um resultado necessariamente positivo. Entre familiares iranianos enlutados pela Covid-19, foram relatados novos significados para a existência, associados pela autora a possibilidades de crescimento após o acontecimento traumático (Abdekhodaie, 2023).

Uma interpretação menos uniforme aparece em Boever *et al.* (2025), que identificaram tanto perda de sentido quanto momentos de conforto entre pessoas submetidas a restrições sociais e funerárias. Diferentemente da ênfase nas possibilidades de crescimento apresentada

por Abdekhodaie (2023), essas narrativas evidenciaram interpretações distintas da despedida, modificadas ao longo do tempo. A diferença não estabelece uma oposição entre os resultados, mas impede que a atribuição de novos significados seja tomada como uma etapa obrigatória do enlutamento.

As condições em que a morte ocorreu também participaram da tentativa de organizar a experiência. Familiares enlutados durante a pandemia relataram dificuldades para acompanhar o adoecimento, obter informações e compartilhar a despedida, deixando acontecimentos que não puderam presenciar ou esclarecer. A elaboração de uma narrativa sobre o vivido esteve associada à necessidade de conhecer esses momentos e de obter reconhecimento pelo cuidado anteriormente oferecido, mostrando que a reorganização da vida também se relaciona às informações e às relações disponíveis após o falecimento (Guité-Verret *et al.*, 2021).

4.5 O papel do psicólogo e as implicações clínicas no acolhimento do luto

A escuta e o respeito à experiência da pessoa enlutada estiveram associados à possibilidade de expressar sentimentos pouco compartilhados em outras relações. Entre mães que realizaram psicoterapia, foram relatadas liberdade para falar sobre os filhos falecidos e abertura para abordar outros acontecimentos da vida. Entretanto, uma participante interrompeu o atendimento após receber a orientação de viver pelos outros filhos e pelo marido, percebida como inadequada ao sofrimento que apresentava (Michel; Freitas, 2021).

Uma dificuldade diferente foi identificada por Bjornsdottir, Sigurdardottir e Halldorsdottir (2024), que entrevistaram pais e mães enlutados por suicídio. Os participantes relataram necessidade de acompanhamento prolongado e dificuldades para obter apoio profissional. Em relação a Michel e Freitas (2021), a questão se desloca da relação durante a psicoterapia para o acesso e a continuidade do cuidado. As duas situações mostram diferenças entre o atendimento oferecido e as necessidades relatadas por quem procurava ajuda.

A identificação dessas necessidades não pode depender somente do tempo transcorrido desde o falecimento. Mães que perderam filhos em acidentes domésticos relataram dor e saudade mesmo após retomarem atividades cotidianas, indicando que a realização de tarefas não informa, isoladamente, como a ausência continua sendo vivida (Bezerra et al., 2022).

A relação entre duração e sofrimento também exige atenção à experiência temporal descrita pelo enlutado. Hughes (2022) identificou relatos de lentificação, aceleração e paralisação do tempo, enquanto Ter Haar e Smid (2025) discutiram o desencontro entre o cotidiano e a

permanência do companheiro falecido na experiência do primeiro autor. Há uma aproximação quanto às alterações na relação com o tempo, embora os materiais analisados sejam distintos: respostas de um questionário e uma narrativa autoetnográfica. Na avaliação clínica, essas descrições podem orientar perguntas sobre como a pessoa vivencia seus dias e considera as possibilidades futuras.

Investigar tais manifestações não equivale a classificá-las antecipadamente como sinais de um transtorno. Na análise dos relatos de mães enlutadas, a dor e a continuidade do vínculo foram examinadas sem subordiná-las a uma duração previamente estabelecida ou a uma sequência esperada de respostas (Feijoo; Noleto, 2022).

Uma finalidade clínica diferente aparece em Ter Haar e Smid (2025), que discutiram a utilização das descrições fenomenológicas na identificação de manifestações existenciais do transtorno do luto prolongado. Em relação a Feijoo e Noleto (2022), existe uma diferença de enfoque entre questionar interpretações patologizantes e examinar possibilidades de aplicação diagnóstica. Essa diferença não configura, por si, uma oposição direta, pois os objetos investigados também são distintos. Sua consideração exige preservar a diferença entre descrever o sofrimento e estabelecer uma classificação clínica, que não pode decorrer de uma manifestação isolada de saudade ou de vínculo com o falecido.

As circunstâncias da despedida acrescentam informações a essa avaliação. Durante as restrições sociais e funerárias, alguns participantes relataram culpa e impotência, enquanto outros reconheceram conforto nos contatos que conseguiram manter. O significado atribuído ao ocorrido variou conforme as expectativas sobre acompanhar o familiar e participar dos rituais, sem uma resposta emocional uniforme às limitações vividas (Boever et al., 2025).

As dificuldades de acompanhar o adoecimento e compartilhar a despedida também foram identificadas por Guité-Verret *et al.* (2021), com destaque para o afastamento das pessoas próximas e a falta de reconhecimento pelo cuidado oferecido. Boever *et al.* (2025), por sua vez, registraram tanto essas dificuldades quanto experiências consideradas significativas nas condições disponíveis. A aproximação entre os relatos indica que o psicólogo precisa investigar as restrições concretas e os sentidos atribuídos a elas, sem presumir que a ausência de determinado ritual produza o mesmo efeito em todos os enlutados.

A atenção aos sentidos individuais também permite abordar conteúdos que podem ser difíceis de compartilhar. Entre viúvas jovens, o desejo sexual esteve associado a questionamentos sobre identidade e vínculo conjugal, indicando que sua manifestação precisa

ser examinada no contexto da experiência relatada, sem ser tomada como ausência de sofrimento (Barros-Lane *et al.*, 2025).

A expressão de conteúdos diferentes do que se espera socialmente também pode ser considerada na leitura das narrativas de Michel e Freitas (2021), nas quais a liberdade para falar esteve associada à confiança na relação psicoterápica. Enquanto Barros-Lane *et al.* (2025) examinaram experiências corporais e sexuais após a morte do companheiro, Michel e Freitas (2021) abordaram as condições em que mães conseguiam apresentar seus sentimentos durante o atendimento. Os objetos são distintos, mas ambos permitem discutir a necessidade de não antecipar uma resposta considerada adequada à perda. Na escuta clínica, isso envolve investigar como desejo, culpa, saudade e outros sentimentos são vividos, sem atribuir previamente a qualquer um deles uma função ou um significado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permitiu identificar que o luto envolve mudanças nas relações, na identidade e na experiência temporal, que variam conforme o vínculo com a pessoa falecida e as circunstâncias da morte. A saudade e as lembranças coexistiram com a retomada de atividades e com outras possibilidades de viver, sem corresponder necessariamente ao desaparecimento do sofrimento.

A investigação atendeu ao objetivo estabelecido ao relacionar a experiência da perda à finitude e ao sentido da existência na perspectiva fenomenológico-existencial. O reconhecimento da morte pode provocar questionamentos sobre o passado e o futuro, mas não conduz obrigatoriamente à elaboração de respostas. A reconstrução existencial foi discutida como uma possibilidade de mudança na relação consigo e com os outros, sem pressupor o encerramento do luto ou o abandono do vínculo com quem morreu.

As circunstâncias do falecimento participaram das diferenças entre as experiências relatadas. Mortes por suicídio, conflitos armados e adoecimento durante a pandemia envolveram dúvidas, impedimentos à despedida e dificuldades de compartilhar o sofrimento. Enquanto algumas narrativas incluíram novos significados para a vida, outras permaneceram acompanhadas de culpa, percepção de injustiça e perguntas sem resposta. Essas diferenças impedem estabelecer uma sequência uniforme para o enlutamento.

Para a atuação do psicólogo, os resultados indicam a necessidade de uma escuta que considere os sentimentos, os vínculos e as condições concretas da perda. O acolhimento requer

espaço para manifestações que podem contrariar expectativas familiares e sociais, sem antecipar o que a pessoa deveria sentir ou quando deveria retomar sua rotina. O acompanhamento deve considerar as repercussões do sofrimento no cotidiano, sem estabelecer a eliminação da dor ou a atribuição de novos sentidos como resultados obrigatórios.

A interpretação das conclusões deve considerar a consulta a duas fontes de busca e as diferenças entre os referenciais, os participantes e os procedimentos de análise. Essa diversidade restringe comparações diretas e a generalização das experiências descritas. Recomenda-se que novas pesquisas contemplem outros contextos sociais e culturais e acompanhem as mudanças na experiência da perda ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

ABDEKHODAIE, Z. The lived experience of bereaved Iranian families with COVID-19 grief. **Death Studies**, v. 47, n. 4, p. 381–391, 2023. DOI: https://doi.org/10.1080/07481187.2022.2068698.

BARROS-LANE, L. *et al*. Widows' fire: a qualitative exploration of sexuality and mourning in young widows. **Death Studies**, p. 1–12, 2025. Publicação antecipada on-line. DOI: https://doi.org/10.1080/07481187.2025.2566075.

BEZERRA, M. A. R. *et al*. O tempo do luto materno pelo filho que morreu na infância. **Escola Anna Nery**, v. 26, e20210264, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2021-0264.

BHAT, N.; GUL, A. Life in armed conflict: a phenomenological approach to examine the bereavement experiences of parents living in Indian-administered Kashmir. **Death Studies**, v. 48, n. 3, p. 267–275, 2024. DOI: https://doi.org/10.1080/07481187.2023.2217502.

BILIĆ, Jelena; SKOKANDIĆ, Lea; PULJAK, Livia. Anticipatory grief and experience of providing at-home palliative care among informal caregivers of spouses in Croatia: a qualitative study. **BMC Palliative Care**, v. 21, n. 1, art. 199, 2022. DOI: https://doi.org/10.1186/s12904-022-01093-1.

BJORNSDOTTIR, E. A.; SIGURDARDOTTIR, S.; HALLDORSDOTTIR, S. Excruciating existential suffering and complicated grief: the essence of surviving the suicide of a son or daughter. **Scandinavian Journal of Caring Sciences**, v. 38, n. 4, p. 973–983, 2024. DOI: https://doi.org/10.1111/scs.13289.

BOEVER, C. et al. What does it mean to have experienced the death of a relative in a context of social and funeral restrictions? Lessons from the pandemic for bereavement research and clinical practice. **PLOS ONE**, v. 20, n. 9, e0331946, 2025. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0331946.

EILENBERGER, H. G.; DE BOER, M. Farewell ceremonies: how older people practice death and bereavement. **Human Studies**, v. 48, n. 3, p. 647–665, 2025. DOI: https://doi.org/10.1007/s10746-024-09767-w.

FEIJOO, A. M. L. C. de; NOLETO, M. C. M. F. O imensurável da experiência do luto materno. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, e240345, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-3703003240345.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. Situações de suicídio: atuação do psicólogo junto a pais enlutados. **Psicologia em Estudo**, v. 26, e44427, 2021. DOI: https://doi.org/10.4025/psicolestud.v26i0.44427.

GUITÉ-VERRET, A. *et al*. Expressing grief through metaphors: family caregivers' experience of care and grief during the Covid-19 pandemic. **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being**, v. 16, n. 1, 1996872, 2021. DOI: https://doi.org/10.1080/17482631.2021.1996872.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução, organização e notas de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

HUGHES, E. The depths of temporal desynchronization in grief. **Psychopathology**, v. 55, n. 6, p. 362–372, 2022. DOI: https://doi.org/10.1159/000525261.

KLASS, Dennis. Continuing bonds in the existential, phenomenological, and cultural study of grief: prolegomena. **OMEGA – Journal of Death and Dying**, v. 92, n. 3, p. 1411–1436, 2026. DOI: https://doi.org/10.1177/00302228231205766.

MICHEL, L. H. F.; FREITAS, J. de L. Psicoterapia e luto: a vivência de mães enlutadas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, n. esp. 3, e189422, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-3703003189422.

NASCIMENTO, Carla Adriana Vieira do; SOUZA, Airle Miranda de; CORRÊA, Victor Augusto Cavaleiro. "Jardins das ocupações": estratégias de cuidados diante de perdas ocupacionais e luto. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 30, e3128, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN239631281.

OSTADHASHEMI, Leila *et al*. Complicated grief: the lived experiences of those bereaved by COVID-19. **OMEGA – Journal of Death and Dying**, v. 90, n. 2, p. 834–847, 2024. DOI: https://doi.org/10.1177/00302228221111931.

PARTRIDGE, Benjamin John; ABBOTT, Rachel L.; FURNESS, Penny J. Exploring how models of disenfranchised grief account for the lived experience of SEN teaching and support staff following a student death: an IPA study. **OMEGA – Journal of Death and Dying**, 2025. Publicação antecipada on-line. DOI: https://doi.org/10.1177/00302228251331399.

TER HAAR, A.; SMID, G. E. Applying the phenomenology of grief: an autoethnographic study. **Death Studies**, v. 49, n. 2, p. 154–165, 2025. DOI: https://doi.org/10.1080/07481187.2024.2309468.